

Histórias de quem quer amar: uma abordagem jornalístico-literária de pessoas e casais homossexuais¹

Gabriela Barbosa NEVES²

Lívia Maria PEREIRA³

Marcelo LIMA⁴

Glória RABAY⁵

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

A homossexualidade ainda é considerada um tema tabu para grande parte dos brasileiros. Enquanto uma parcela da população adota uma postura de falsa-aceitação e distanciamento, outra perpetua um discurso de ódio e ignorância que muitas vezes é embasado pela mídia e pela imprensa. Desfazer mitos e disseminar conhecimento é essencial para que tal cenário mude; contar a história de cinco homossexuais sob uma ótica literária e jornalística foi a forma que encontramos para contribuir na construção de uma sociedade livre de pré-conceitos.

Palavras-chave: homossexualidade; homofobia; jornalismo literário.

1 INTRODUÇÃO

É inegável que os homossexuais vêm conquistando cada vez mais respeito e direitos: a desmistificação de conceitos, a desconstrução de estereótipos e o maior acesso à informação permitem que o gay seja hoje considerado um indivíduo comum que deve ser inserido na sociedade.

No Brasil, as lutas pelos direitos sexuais se iniciaram mais fortemente na década de 1970. Em 1980 foi fundado o Grupo Gay da Bahia, o mais antigo grupo em defesa dos direitos LGBT ainda atuante na América Latina. Em seguida, no ano de 1985, o Conselho Federal de Medicina passou a desconsiderar a homossexualidade uma doença – seguindo a posição adotada pela Associação Americana de Psiquiatria, que tomara a mesma atitude em 1975.

A visão da população brasileira sobre a questão também vem mudando; uma pesquisa realizada em 2012, pelo IBOPE mostra que 45% da população é favorável à aprovação da lei que permite o reconhecimento legal da união estável homossexual – um avanço

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção Jornalismo Literário e/ou de Opinião.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: gabrielabneves@hotmail.com.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: liviampereira@live.com.

⁴ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: marcelo_1f02@hotmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: gloria.rabay@gmail.com.

considerável em relação ao levantamento de 1993, no qual apenas 7% dos entrevistados se mostraram simpáticos à causa.

Recentemente, uma decisão tomada pelo Conselho Nacional de Justiça – reforçando a decisão tomada pelo Supremo Tribunal Federal em 2011 – obrigou os cartórios de todo país a celebrar o casamento civil homossexual, transformando a união estável homoafetiva em casamento, quando assim se deseja. Entretanto, imediatamente após o anúncio do CNJ, representantes da Frente Parlamentar Evangélica, no Congresso Nacional, começaram a discutir medidas para derrubar o ato.

Tal atitude daqueles que deveriam estar trabalhando em prol do país representa apenas um pequeno ponto no emaranhado construído pela ignorância, o preconceito e o ódio que – apesar dos avanços – representa uma ameaça concreta aos homossexuais e simpatizantes.

Segundo o Relatório de Assassinato LGBT de 2012, realizado pelo Grupo Gay da Bahia, 338 homossexuais foram assassinados no Brasil naquele ano – um aumento de 21% em relação a 2011. O mesmo estudo mostrou que o país ocupa o preocupante primeiro lugar no ranking de assassinatos motivados pela homofobia, concentrando 44% do total de mortes de todo o planeta. Além disso, de acordo com o Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil, em 2011 foram reportadas 18,65 violações de direitos humanos de caráter homofóbico por dia. A situação é, sem dúvida, mais alarmante ainda do que o cenário revelado pelos dados, visto que grande parte das violações não é denunciada.

Faz-se necessário, para tanto, que a sociedade comece a se despir de quaisquer ideias pré-concebidas que porventura esteja em voga sobre o assunto; pois somente munidos de compreensão e respeito seremos capazes de por um fim à repressão que paira sobre aqueles que não têm motivo algum para sofrer.

2 OBJETIVO

2.1 Objetivo geral

Construir uma coletânea de perfis de indivíduos homossexuais, focando no processo de revelação de sexualidade e relacionamentos, para desmistificar a visão preconceituosa que a sociedade possui com o tema.

2.2 Objetivo específico

Analisar, através dos perfis, o modo como as pessoas próximas ao homossexual – família, amigos, etc. – e a sociedade como um todo – na figura da mídia, das instituições, etc. – enxerga a homossexualidade.

3 JUSTIFICATIVA

A homossexualidade ainda é vista de forma negativa por muitos setores da sociedade. A imagem do *gay* – principalmente o masculino – vem acompanhada de pré-conceitos e estereótipos que remetem à feminilidade, promiscuidade, incapacidade de estabelecer relacionamentos estáveis, doenças, etc. Como afirma Góis (2000, p. 77) “nossa cultura e civilização nos dizem, cotidianamente, que o conteúdo das imagens, descrevendo a subcultura *gay* [...] marcadas que são pelo signo do desvio, ausência de higiene e pecado, são geradoras de doença”.

O *gay* é, assim, considerado por muitos uma classe “inferior” de ser humano. Tal discurso, baseado em nada além de ignorância e ódio, é sustentado por séculos de opressão do século masculino sobre o feminino

A mídia foi um grande instrumento de divulgação desse conceito, reforçando o estereótipo do “homossexual afeminado”. Na produção televisiva brasileira, o *gay* é muito comumente retratado como uma mera figura cômica, com traços femininos, atuada em assuntos como moda, desprovida de vida amorosa: uma mera caricatura. Apesar de uma possível evolução nesse aspecto – como pôde ser observado no folhetim da Rede Globo *Amor à Vida*, exibido entre 2013 e 2014 – o homossexual ainda é representado com base em estereótipos, que “não se limitam [...] a identificar categorias gerais de pessoas – contêm julgamento e pressupostos tácitos ou explícitos a respeito de seu comportamento, sua visão de mundo ou sua história” (FILHO, 2004, p. 97). A mídia, assim, perpetua esse jogo de poder no qual o masculino oprime e o feminino é dominado.

Além disso, por muito tempo a imprensa pareceu ignorar casos de violência homofóbica ou mimetizar suas motivações. Como afirma Carvalho (2009, p. 8-9),

os silêncios sobre a homofobia, suas práticas e suas consequências compõem o universo dos “discursos” das mídias, à medida que não falar sobre um determinado tema não é simplesmente desconhecê-lo, mas resulta de uma escolha consciente, marcada, no mínimo, por “critérios de noticiabilidade”, nunca neutros, apesar de dotados de uma suposta racionalidade.

A mídia e a imprensa, apesar de mostrarem avanços no que concerne a representação do gay e a denúncia de violência homofóbica, ainda não se desfizeram de antigos conceitos e se retraem no momento de se posicionar.

O presente trabalho foi concebido com o objetivo de contribuir àqueles que lutam pelos direitos desta parcela da população tão perseguida e mal-compreendida. Nosso desejo é mostrar que o gay não deve ser culpado pelo que é; é desconstruir as ideias que propagam o caráter “anormal” da homossexualidade; é revelar a hipocrisia daqueles que se empenham, movidos pela raiva, medo e incompreensão, em propagar a discriminação e o sofrimento. Esperamos, enfim, demonstrar que o amor entre duas pessoas do mesmo sexo é tão puro e natural quanto aquele cultivado nas relações heterossexuais.

Entender o homossexual como um ser que sofre e que ama, que não fez escolha alguma, é essencial para o combate à homofobia.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O método utilizado nesse projeto foi a coleta de entrevistas e depoimentos, com o intuito de perfilar os entrevistados a partir da visão deles a respeito da própria homossexualidade. Segundo a divisão dos tipos de entrevistas feita por Edgar Morin, a utilizada no trabalho foi a entrevista em profundidade – mais indicada para a construção de perfis – que consiste numa conversa sem tema específico, onde o personagem molda sua própria visão do mundo.

No jornalismo vemos, por vezes, as entrevistas serem pontuais e somente com o intuito de coletar dados específicos. Com esse tipo de entrevista foi possível para nós nos aprofundarmos na história dos personagens, nos seus valores e conceitos. O gênero perfil, segundo Silva, em seu artigo “O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro “são textos geralmente curtos que reconstituem um episódio e circunstâncias marcantes da vida de um indivíduo” (ano, p.6).

Ainda segundo a autora, o perfil mostra uma narrativa sintética que destaca a pessoa procurando desvendá-la. O perfil e entrevista proposto se encaixa com o trabalho, visto que tínhamos o objetivo de olhar pelos olhos dos homossexuais o preconceito, a descoberta de si mesmo e o romance.

Para Vilas Boas (2003) uma das características do perfil é sua natureza autoral. Desta forma, o leitor passar a ver o personagem através da visão, dos sentimentos, das concepções de quem escreve. O autor destaca a narrativa, no perfil, “também está atada ao

sentimento de quem participa. A frieza e o distanciamento são altamente nocivos. Envolver-se significa sentir” (VILAS BOAS, 2003, p. 14).

Sodré e Ferrari dizem que na elaboração de um perfil o repórter pode adotar dois tipos de comportamento diferenciados: “ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 126).

Segundo Vilas Boas (2003), uma boa reportagem, tipo perfil, acontece quando o repórter conquista a empatia do leitor com o personagem.

Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor (VILAS BOAS, 2003, p.14).

Escolhemos o perfil jornalístico porque ele permite uma aproximação humanizada dos personagens escolhidos que contam sua história, suas descobertas referentes à sexualidade através de suas próprias palavras. O perfil também permitiu a elaboração uma narrativa leve, apesar de algumas narrativas falarem de momentos difíceis de rejeição e medo, no entanto como queríamos contar “histórias de amor” avaliamos que a escolha deste gênero, foi extremamente pertinente. Quem pode falar de amor senão que ama?

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Ao decidir fazer perfis, a ideia inicial era entrevistarmos somente casais homoafetivos e mais velhos, que supostamente denotava mais experiência. Porém fomos percebendo, que mesmo os homossexuais solteiros e jovens tinham histórias interessantes que podiam acrescentar ao nosso trabalho.

Sendo assim, saímos em busca de pessoas homoafetivas que estivessem dispostas a contar sua história, contudo, inicialmente, tivemos alguma dificuldade. Depois de procurarmos e analisarmos, selecionamos cinco pessoas, três para um perfil individual e um casal. Mantemos o nome verdadeiro de apenas um dos entrevistados, enquanto os outros quatro pediram que o nome fosse modificado, para manter a privacidade.

Após a escolha, fizemos roteiro de aproximadamente dez perguntas que abrangesse a história de vida deles focando no descobrimento da sexualidade, preconceito e romance. Por se tratar de assunto delicado foi necessária muita cautela na hora de formular as

perguntas e não deixar que o entrevistado se esquivasse. Para isso a professora responsável nos norteou para que soubéssemos como agir de maneira correta.

Cada entrevista foi feita com o intervalo de três a quatro dias e foram gravadas pelo celular com a ajuda de um aplicativo. O local variou entre a casa dos entrevistados ou a Universidade Federal da Paraíba, e apesar de estarem os três autores do trabalho presentes, participando da conversa, apenas um conduzia a entrevista.

As entrevistas foram transcritas no mesmo dia em que foram feitas, mas a construção do perfil foi um processo mais elaborado e lento. Procuramos escrever algo de cunho mais humanizado que chamasse a atenção do leitor pela emoção. A ideia é criar um produto jornalístico, mas literário – nada foi, entretanto, amenizado ou inventado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em como é o mundo de indivíduos e casais homoafetivos não é o mesmo do que ter o vislumbre, embora breve, da realidade. Durante o presente trabalho, nos propiciamos um rápido mergulho nas histórias de vida de gente, que como qualquer ser humano, só quer ser feliz; descobrimos, através de quatro histórias fantásticas, que, ao contrário da imagem que a mídia nos passou durante as últimas décadas, a vida de um homossexual não é regada a sexo, drogas e promiscuidades. Há e sempre haverá sentimentos envolvidos; há amor.

Como parte da pesquisa, nos permitimos amar as histórias de cada um de nossos personagens. Olhamos para cada par de olhos que nos encaravam ávidos por contar suas experiências com o amor e enxergamos aquilo que eles são em essência: um cérebro e um coração – sem nenhuma diferença que justifique o ódio e discriminação que o grupo ao qual eles pertencem enfrenta.

Como jornalistas em formação e pesquisadores, nos aproximamos do grupo com tato, carinho e compreensão, querendo, acima de tudo, informação. Recebemos tato, carinho, compreensão, informações, sorrisos, abraços e, um afeto indescritível, embora fôssemos estranhos para todos eles. Esperamos, com nossa simples experiência, mostremos um lado terno do mundo homossexual, um lado que muitos ainda não estão dispostos a enxergar, por estarem presos em suas próprias grades de pré-julgamentos e lugar-comum. Queremos que o mundo ouça e entenda: eles só querem amar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE FILHO, J. Mídia, estereótipo e representação das minorias. **ECO-PÓS**, vol. 7, nº 2, p. 45-71, 2004.

GÓIS, J. B. H. Olhos e ouvidos públicos para atos (quase) privados: a formação de uma percepção pública da homossexualidade como doença. In PUPIN, Andréa Brandão et al. **Mulher, Gênero e sociedade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001.

LEAL, B. S.; CARVALHO, C. A. Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar? **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v.12, n.2, Mai./Ago., 2009.

PEREIRA, A. S. L. S. **Representações sociais do homossexualismo e preconceito contra homossexuais**. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

SILVA, A. T. P. **O perfil jornalístico**: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro. Ano V, nº 10. 2009.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2008.

VILAS BOAS, S. **Perfis**: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.

VILAS BOAS, S. **Perfis**: o mundo dos outros. 22 personagens e 1 ensaio. 3ª edição. Barueri- SP: Ed. Manole, 2014

SODRÉ, M.; FERRARI, H. **Técnica de Reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.